

Hot Clube de Portugal: um clube de jazz, uma instituição

Visão - 14.Março.2008
Nuno Miguel Guedes

Imagens: dois monstros sagrados que estiveram no HOT: Dizzy Gillespie (trompete) e Sidney Bechet (saxofone soprano) - fotos retiradas da netPRAÇA DA ALEGRIA, 39 Há 60 anos, Luís Villas-Boas preenchia a ficha de sócio n.º 1 de uma nova associação: o Hot Clube de Portugal. Em 2008, o Hot continua a olhar para o futuro. O segredo? Paixão, pura paixão

Sábado, 8 de Março, do ano de 2008: no pequeno palco do clube da Praça da Alegria, oito músicos distribuem-se quase miraculosamente, deixando entre eles pouco mais do que um espaço vital, o mínimo estritamente necessário para poderem tocar os seus instrumentos com liberdade de movimentos. Passam poucos minutos das onze da noite, e a cave que mais swing tem em Lisboa vai enchendo-se devagar: rostos conhecidos e habituais, curiosos nacionais e estrangeiros, músicos de passagem, amigos de quem vai tocar. Aquela noite estava a cargo do Ensemble de Saxofones do Hot Clube de Portugal (HCP), dirigido por Pedro Moreira. E mal o set tem início, com uma frase poderosa nos cinco saxofones e a cumplicidade telepática do piano e da secção rítmica, todas as vozes se calam, todos os rostos dos que assistem brilham e outra vez, como vem acontecendo há 60 anos, o Hot Clube cumpre o seu destino: fazer com que o jazz viva e revista, para, e a partir de, Portugal.

O tempo ajudou o Hot Clube a tornar-se uma «instituição», embora dinâmica e activa. Mas o passar dos dias não chega para sustentar seja o que for, e para uma pequena associação com fins não-lucrativos poder sobreviver tem de ter, invariavelmente, vida lá dentro. Mais do que vida: paixão. Essas características residiam de maneira intensa no seu principal fundador, que se confunde com a história do jazz em Portugal: Luís Villas-Boas. Em rapaz, com uma breve formação em musical clássica, assistiu, na Madeira, a um concerto de jazz de um grupo inglês. No mesmo ano (1939) deslumbrou-se, ao ouvir um disco do grupo vocal feminino Andrew Sisters. Foram estes dois episódios que marcaram o início de um amor que Villas-Boas manteve até ao final da sua vida, em 1999.

A história do Hot Clube começa, na verdade, em 1945, quando Villas-Boas, então a cumprir serviço militar, conhece Eduardo Botton, um filho de emigrantes que o convence a criar um clube semelhante ao então famoso Hot Club de France. Com a ajuda de Botton, Villas-Boas entra em contacto com Hugues Panassié, presidente do clube francês e o que era apenas uma vontade passou a ser uma certeza: o clube iria existir, moldado nos estatutos do homónimo gaulês. Antes ainda, Luís cria o primeiro programa de rádio divulgador de jazz, integrado no Programa da Manhã, de Artur Agostinho. O nome? Hot Clube.

Os estatutos da associação – redigidos por Daniel Canhão – ficam prontos em 1946, bem como uma lista de sócios-fundadores entre os quais se encontram pintores como Sena da Silva (o autor do logótipo original) e João Abel Manta. Outros famosos associados haviam de surgir ao longo dos anos, como Ruy de Carvalho, Curado Ribeiro ou Artur Carneiro (pai de Roberto Carneiro e músico amador). Sem a autorização definitiva do Governo Civil, o Hot Clube organiza a sua primeira jam session, em Fevereiro de 1948, no Salão de Chá do Café Chave d’Ouro, no Rossio, com músicos nacionais e estrangeiros. Até que chega o dia que agora se celebra e figura como data oficial do nascimento do clube: 19 de Março de 1948, quando Luís Villas-Boas preenche a ficha de sócio número 1 do Hot Clube de Portugal.

A agora famosa cave da Praça da Alegria, no número 39, só iria ser inaugurada em 1954, quatro anos depois da aprovação dos estatutos pelo Governo Civil.

Princípios de vida

Numa época em que se vive uma abundância de informação e de oferta de concertos de jazz em Portugal (e não falta público para esses concertos), torna-se difícil imaginar o que significava gostar dessa música no país dos anos cinquenta. Responde o engenheiro Bernardo Moreira, 77 anos, presidente do Hot Clube desde 1992: «A sociedade odiava o jazz, era uma coisa muito malvista, não era para boas famílias. Era ‘música de pretos’, promiscua e tal... Mas, ao contrário do que dizem algumas pessoas que tentaram usar o jazz como forma ideológica de resistência, o regime da altura não perseguia o jazz – pura e simplesmente ignorava-o! Mais: a única pessoa a dizer bem do jazz, em plena década de 30, em Portugal, foi o António Ferro, do Secretariado de Propaganda Nacional, do Salazar.» Na verdade, e apesar de a cave da Praça da Alegria ser ponto de encontro para muitos intelectuais anti-regime (O’Neill era um deles), a PIDE nunca interferiu, e os contratempores resumiram-se à proibição pela censura de escrever a palavra «jazz» em panfletos, substituindo-a por... «música moderna».

O Hot Clube de Portugal viveu sempre em ciclos de altos e baixos, condição natural de uma entidade que não é feita para dar lucro e depende do dinheiro dos associados. Só fechou as portas no período mais quente da revolução de Abril, entre 1974 e 1976. Mas, antes e depois, a história foi-se fazendo, naquela pequena sala, formando músicos, trazendo lendas como Louis Armstrong, Count Basie, Dizzy Gillespie, Sidney Bechet, Vinicius de Moraes (com a sua imensa

sede, de conversa e de uísque), Dexter Gordon... Sessenta anos chegam para coleccionar um sem-número de anedotas e episódios, como aquele em que a grande Sarah Vaughan visitou o clube, depois de um espectáculo. Ficou tão entusiasmada pela atmosfera que quis cantar com os músicos, mas o agente não a deixou. Ou quando o cantor francês Sacha Distel – que, além de partir os corações da época, era um exímio guitarrista de jazz – foi para o clube em after-hours, deixando à porta cerca de 300 raparigas chorosas. «Desculpem, minhas senhoras, o clube é só para sócios», disseram-lhes, educadamente...

O coleccionador caótico

Hoje, o passado e o futuro do Hot convivem num edifício junto ao rio, onde também está a Orquestra Metropolitana de Lisboa. No primeiro andar situam-se os serviços administrativos e, mais importante, a Escola de Jazz Luís Villas-Boas e o núcleo museológico do clube, com o espantoso acervo que o fundador deixou. «É um espólio imenso, e apesar de estar inventariado, não consigo dizer ao certo quantas peças tem, diz a responsável do núcleo, Inês Homem Cunha, 40 anos. «São mais de 3 mil discos e, ainda, cartazes, revistas, fotografias, guiões de programas de rádio, panfletos autografados, bilhetes de concertos e de avião, maços de tabaco rasgados em pedaços com autógrafos de músicos famosíssimos... O Villas não era um coleccionador típico, guardava tudo, mas caoticamente.» O que ali se encontra é o princípio da realização de um sonho antigo de Villas-Boas: a criação de um local onde se pudesse consultar a sua colecção e ouvir os seus discos. Esse local já tem nome: Casa do Jazz, a ser criada no prédio da Praça da Alegria. Apenas se espera que se resolva um diferendo judicial para que tudo se oficialize. A exposição que se pode visitar a partir de Maio na Fábrica Braço de Prata dará uma boa indicação da riqueza ali albergada.

Mas o passado e os legados de nada valem se não houver quem aprenda com eles. «O Hot sempre teve uma componente pedagógica, como está nos estatutos», diz o presidente Bernardo Moreira. «Trata-se de promover e divulgar o jazz. E a verdade é que, nos últimos 40 anos, há muito poucos músicos de jazz portugueses que não tenham sido formados aqui.» A escola – tal como o clube – é reconhecida como uma das melhores da Europa, sob a direcção pedagógica de Pedro Moreira.

Com cerca de 400 sócios, o Hot Clube de Portugal tem a juventude e a força de que o jazz precisa. Este ano será possível comprová-lo. Como foi possível segurar uma velha fotografia de Armstrong, ao mesmo tempo que, na sala ao lado, alguns alunos praticam acordes que já soam a futuro.